

XI DOMINGO COMUM A | 18.06.2023

VER A MULTIDÃO COM OS OLHOS DO CORAÇÃO



Abraça o presente
PARÓQUIA DE NOSSA
SENHORA DA HORA
Juntos por um caminho novo | 2022-2023

RITOS DE ENTRADA

Entrada

P. Não somos uma multidão anónima. Somos um *reino de sacerdotes, uma assembleia santa, um povo sacerdotal*. Quando nos reunimos, em assembleia, para celebrar a Eucaristia, ativamos este sacerdócio comum dos fiéis, que recebemos de graça, no Batismo. Pelo Batismo, tornamo-nos membros deste Povo sacerdotal, que é chamado a fazer da sua vida um dom de amor, um sacrifício de louvor a Deus, pela salvação dos irmãos. Pelo Batismo, participamos deste sacerdócio de Jesus, unindo-nos, em Eucaristia, ao dom que Ele mesmo faz da Sua vida ao Pai por nós. Pelo Batismo, somos todos chamados pelo nome próprio, resgatados pelo mesmo amor e enviados em missão, para dar de graça aos outros, o que de graça recebemos do Senhor.

Ato penitencial

P. Peçamos ao Senhor, que morreu por nós quando ainda éramos pecadores, que tenha compaixão de nós e nos alcance a graça da reconciliação.

P. Pela solidão que disfarçamos na confusão da multidão, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Pelas formas de divertimento que nos dispersam, Cristo, tende piedade de nós!

R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Pela nossa fé sem alegria, sem comunidade e sem Eucaristia, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Hino do Glória | Oração coletiva

LITURGIA DA PALAVRA

HOMILIA NO XI DOMINGO COMUM A 2023

1. «Jesus, ao ver as multidões, encheu-se de compaixão» (Mt 9,36)! Não é isto tão estranho a nossos olhos?! Não é tão bom ver tanta gente reunida, num mesmo lugar? Não são boas a convivialidade fraterna, a união e reunião de pessoas, a força viva de uma comunidade reunida? Não ficamos nós felizes quando as nossas iniciativas juntam pessoas? Não nos animamos e rejuvenescemos quando vemos a Igreja «cheia», em certos dias de Festa? Não estamos nós apostados no êxito da JMJ 2023, com o previsível um milhão e meio de jovens? Sim! Claro que sim.

2. Mas Jesus – pelo que vê e se vê – não se ilude com as multidões. Ele sabe que nem sempre os grandes *ajuntamentos* são lugares de encontro, de alegria, de comunhão. Muitas vezes, as multidões são lugares de fuga e evasão da realidade, espaços de distração e dispersão, de fusão e de confusão, instantes rápidos de bem-estar individual que, por fim, nos deixam vazios, na mais fria solidão! Por isso – diz o Evangelho – Jesus encheu-Se de compaixão, ao ver tais multidões, «*porque andavam fatigadas e abatidas, como ovelhas sem pastor*» (Mt 9,36). Jesus não é indiferente à dispersão, ao desalento, ao desencanto, ao *protesto silencioso* daquela multidão. Por isso, a escolha de Jesus é a de reunir num só Povo os filhos de Deus dispersos; é a de fazer da multidão dispersa um pequenino rebanho, reunido à volta do Seu Pastor. Nesta perspetiva, Jesus chama os discípulos e envia os Doze, para formar uma comunidade de pessoas felizes, com nome próprio!

3. Também nós assistimos hoje ao regresso das multidões, numa espécie de cura da depressão coletiva causada pela pandemia! Na verdade, os laços comunitários já não se tecem à volta do adro, mas nas arenas das festas e festivais; mais nas redes sociais do que nos contactos pessoais. A busca da felicidade, da jovialidade, já não se direciona para o consolo da religião. A Liturgia do encontro com o divino parece mais acessível e apetecível no êxtase dos concertos musicais do que nas nossas Missas dominicais. Por isso, este regresso das multidões não tem o mesmo

retorno nas nossas Igrejas, meio-cheias ou senão meio-vazias! Não deveríamos nós ver nestas multidões em festa um sinal indicador do caminho da Igreja? Não há neste regresso das multidões em festa, uma nostalgia, a saudade e o desejo de uma comunidade viva, de uma liturgia festiva, de uma fé revestida de alegria?

3. Creio que podíamos partir daqui para três desafios pessoais e pastorais:

1.º: Viver a alegria da fé, que brota sempre do encontro com Cristo. Saibamos dar prioridade a tudo o que proporcione este encontro pessoal e vital com Cristo, nos estilos, ritmos e calendários das pessoas de hoje. Que tudo o que propomos e vivemos tenha esta *marca* da alegria. Um cristão triste é um triste cristão, não convence ninguém! Revistamo-nos desta alegria de gente salva em Cristo!

2.º Descobrir a alegria de ser e de viver em comunidade. Nós não nascemos nem crescemos, nem como pessoas nem como cristãos, sozinhos ou em laboratório. Precisamos de uma comunidade. Mas para isso, as nossas comunidades terão de tratar primeiramente “*das ovelhas perdidas da casa de Israel*” (Mt 10,6). Há a ovelha que se perde no deserto, mas há também a dracma que a mulher perdera dentro de casa! Há o filho pródigo que se perdeu longe de casa, mas há também o filho mais velho que se perdera dentro de casa. Numa palavra: é preciso tornar as nossas comunidades mais familiares, mais fraternas, mais afetuosas, mais belas e acolhedoras e, por isso, mais atraentes. Quanto mais a comunidade for espaço familiar de encontro... tanto mais os outros se esforçarão por entrar nela!

3.º Neste tempo tão depressivo para a Igreja, **manifestemos o nosso “orgulho grei”** (não; não me enganei!). Mantenhamos esta vaidade santa de pertencer a esta grei, a este rebanho, dizendo: “*Nós somos o Povo do Senhor, somos as ovelhas do seu rebanho*”. Somos a sua grei!

Que esta alegria da fé, de ser e de viver em comunidade, se manifestem, desde logo, quando saímos de casa, em cada Domingo, para a Missa, a cantar e a bailar em nossos corações: “*Vamos com alegria para a Casa do Senhor*” (Sl 122/121,1).

Homilia no XI Domingo Comum A 2023
Festa da Profissão de Fé 2023 | Senhora da Hora

Hoje a nossa celebração tem já muitos elementos adicionais, vários ritos explicativos do Batismo e, por isso, não queria demorar-vos, nas palavras que vos dirijo. Permitti-me, à luz da Palavra de Deus, deixar-vos alguns desafios, para a vossa fé:

1.º Desafio: Vede tudo com os olhos de Jesus!

Acendeis hoje a vossa vela de Batismo para professar a fé da Igreja e assim mostrais, neste gesto, que a fé é uma luz divina, a fé é uma visão nova, que nos faz ver Jesus, mesmo que nos ela nos pareça e apareça oculto. Pela fé reconhecemos a Sua presença, em cada pessoa, a sua presença no meio de nós e na vida da Sua Igreja. A fé faz-nos olhar para Jesus, como Luz da nossa Vida. Mas a fé não só olha para Jesus, mas olha também com os olhos de Jesus. Hoje o Evangelho diz-nos que Jesus *“ao ver a multidão, Se encheu de compaixão”*. Daquele olhar enternecido, comovido, compadecido, brota depois o chamamento dos discípulos e o primeiro ensaio da missão. Deixai-vos então olhar, atrair e chamar por Jesus. E olhai para as pessoas, como Jesus olhava: com compaixão. Jesus vê mais a dor do que a culpa, vê mais o sofrimento que o pecado, vê o coração e com o coração a multidão. Procurai ter esta visão de Jesus, este olhar novo de Jesus. Porque na fé, não se trata apenas de ver Jesus, mas de ver tudo com os olhos de Jesus, para que Ele seja luz no nosso caminho!

2.º desafio: Vivei a fé em comunidade!

É impossível crer sozinhos. A fé é também fruto de uma experiência comunitária. Não chegámos sozinhos à fé, como não chegamos sozinhos à vida. Não vivemos

ou crescemos em laboratório. Fazemos parte de um povo, somos membros de uma família, de uma comunidade, somos *ovelhas de um rebanho*. A fé que proclamamos é sempre a fé da Igreja a que pertencemos, é a fé da Igreja, Povo de Deus. Nenhum de nós, tem, por isso, e por si só, a totalidade da fé. Temo-la sempre como um «símbolo», como uma parte que se une a outra parte, para ser completa. Por isso, é juntos, é em comunidade, como Povo, e não sozinhos ou individualmente, que professamos, celebramos e vivemos a nossa fé. A comunidade cristã não é, para nós, um “caixilho”, um adorno decorativo, mas o ambiente fundamental para acolher, viver e crescer na fé. Todos precisamos de todos. Vede que Jesus se compadeceu, porque eram como ovelhas sem pastor, ovelhas fora do rebanho. Por isso, Jesus escolheu os Doze, enviou-os dois a dois, para ir procurar as ovelhas perdidas, dispersas, desorientadas. Jesus veio para reunir os filhos de Deus que andavam dispersos (Jo 11,51-52). **Vivei a vossa fé juntos... e não vos disperseis numa aventura solitária.** Deus criou-nos para a comunhão e não para a solidão. Neste tempo tão depressivo para a Igreja, manifestemos o nosso “*orgulho grei*” (não; não me enganei!). Mantenhamos esta vaidade santa de pertencer a esta grei, a este rebanho, dizendo: “*Nós somos o Povo do Senhor, somos as ovelhas do seu rebanho*”. Somos a sua grei!

3.º Participai com alegria na Eucaristia Dominical

Por último, começemos pelo mais básico. **Participai com alegria na Eucaristia dominical.** O facto de se participar na Eucaristia dominical, num tempo de tanto individualismo religioso e de tanta alergia à comunidade, é uma forma muito especial de professar, de celebrar e de viver a fé. Não deixeis que vos roubem a alegria da fé e o tesouro da Eucaristia. Que esta alegria da fé, esta alegria de ser e de viver em comunidade, se manifestem, desde logo, quando saís de casa, em cada Domingo, para a Missa, como que a cantar e a bailar em vossos corações: “*Vamos com alegria para a Casa do Senhor*” (Sl 122/121,1).

Homilia no XI Domingo Comum A 2023

Festa da Eucaristia | Primeira Comunhão | Guifões | Igreja da Sagrada Família

É belo olharmos hoje para Jesus e ver como Jesus nos olha. O Evangelho começava por dizer: *“Ao ver as multidões, Jesus encheu-Se de compaixão, porque andavam fatigadas e abatidas, como ovelhas sem pastor”* (Mt 9,36), isto é, cada uma para seu lado... E que faz Jesus, o Bom Pastor, diante das suas ovelhas dispersas?

1. Primeiro, olha-as com amor; ama e chama a cada uma pelo seu próprio nome. É belo vermos que podemos ser tantos e tão diferentes e podemos ser um só, um só coração, uma só alma, um só rebanho, um só Pastor. Meninos e meninas, pais, avós e padrinhos, irmãos e irmãs: olhemos para Jesus e deixemo-nos olhar por Ele. Olhemos para Jesus e olhemos para os outros com os olhos de Jesus. O nosso olhar seja sempre um olhar de fé, capaz de ver Jesus, mesmo quando parece escondido no pão da Eucaristia ou na fome do irmão. Que o nosso olhar seja sempre de bem-querer.

2. Em segundo lugar, para reunir as ovelhas dispersas, Jesus forma um grupo e envia-o em missão: é o grupo dos Doze Apóstolos, que Ele envia dois a dois, para que haja um só rebanho e um só Pastor. Daqui percebemos uma coisa fundamental: não chegámos sozinhos à fé, como não chegamos sozinhos à vida. Não vivemos ou crescemos na fé em laboratório. Fazemos parte de um povo, somos membros de uma família, de uma comunidade, somos ovelhas de um rebanho. Fora do rebanho, não encontramos pasto nem pastor, nem alimento nem guia para o caminho da vida.

3. E que mais faz este Pastor por mim, por nós? Tantas coisas belas. Quando rezamos o Salmo 23 (22), que nos fala de Deus, como Pastor, diz-se lá que o Pastor nos conduz às águas refrescantes, com o óleo nos perfuma a cabeça e prepara para nós a mesa na abundância. **Jesus identificou-Se com este Pastor. E,** a Igreja, enviada por Ele, ao continuar estes gestos de Jesus, também nos conduziu às águas refrescantes através do Batismo e, já depois do Batismo ungiu-nos, isto é, perfumou-nos com o óleo santo do Crisma. E hoje, aqui e agora, nesta Festa da Eucaristia, Jesus prepara para nós a mesa na abundância. Não há Pastor verdadeiro que não se preocupe com o pasto para o seu rebanho. Não há ovelha sã que possa dispensar o alimento que o Pastor lhe oferece, ao entregar-Se por cada um de nós, na mesa santa da Eucaristia!

4. Meninos e meninas, pais, avós e padrinhos, irmãos e irmãs: hoje festejamos com grande alegria mais um passo juntos, em direção à única mesa da mesa do Senhor. A mesa, lá em casa, como aqui nesta Casa, é o espaço por excelência da convivência, da festa, da familiaridade, da comunidade, em que vivemos e crescemos juntos. Partilhando o mesmo Pão, somos uma só alma, um só coração, um só rebanho, um só Pastor. É aqui, na Eucaristia, que Jesus nos alimenta, é aqui que se fomenta a nossa comunhão com Cristo e entre nós.

5. É tão triste ver um rebanho disperso, pessoas que se afastam da comunidade, que escolhem viver para si próprias, sozinhas, indiferentes aos outros. Nem se dão conta de como estão a empobrecer e a “desaparecer”, como pessoas e como cristãos! Porque sem este alimento, não há crescimento possível da fé cristã.

Meninos e meninas, pais, avós e padrinhos, irmãos e irmãs: não deixeis que nos roubem a alegria de vivermos juntos a nossa fé. E voltemos, em cada domingo, com a mesma alegria, para celebrarmos juntos e em Festa a nossa Eucaristia.

Credo

Oração dos fiéis

P. Senhor, nosso Deus, que nos transportais sobre asas de águia e nos atraís para Vós, escutai as preces do Povo que Vos pertence e do qual fizeste um reino de sacerdotes e uma nação santa:

- 1.** Pela Igreja, Povo Santo de Deus: para que todos os fiéis tomem consciência do seu sacerdócio batismal, tornando-se verdadeiros discípulos missionários de Cristo no mundo. Oremos, irmãos.
- 2.** Pelos Povos de toda a Terra: para que sejam respeitados, na diversidade dos seus dons e culturas, de modo que a humanidade cresça na harmonia e na beleza do seu rosto pluriforme. Oremos, irmãos.
- 3.** Pelas pessoas, fatigadas e abatidas, que desertaram de viver e caminhar juntos na fé: para que a renovada alegria da fé dos seus irmãos e o testemunho fraterno das nossas comunidades, possam atraí-los de novo. Oremos, irmãos.
- 4.** Por todos nós aqui presentes: para que tenhamos a ousadia de uma fé alegre e participativa, capaz de transformar a comunidade num lugar acolhedor e facilitador do encontro com Cristo. Oremos, irmãos.

P. Senhor, acolhei as nossas preces, para que, reunidos como um só Povo, saibamos anunciar e levar a Vossa salvação a este nosso mundo, tão fatigado e abatido. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo pelos séculos dos séculos. **R.** Ámen.

LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons | Oração sobre as oblatas | Prefácio Dominical I (= final da 1.ª leitura) | Santo | Oração Eucarística III | Ritos da Comunhão

Pai-Nosso: «Vistes como vos tomei sobre asas de águia e vos trouxe até Mim»! Deus congrega pela Sua força o Seu Povo e estabelece connosco uma aliança de amor. Por isso, ousamos dizer...

RITOS FINAIS

Agenda pastoral:

- 1- A partir dos dias 24 e 25 de junho, retomamos os horários normais das celebrações do fim de semana: sábados, às 19h00 e domingos às 11h00 e 19h00.
- 2- Nos dias de semana, há missas às terças, quartas e sextas às 19h00. Na próxima sexta-feira, dia 23, por ser véspera de São João, não há celebração da Eucaristia.
- 3- Na Igreja Matriz de Guifões há Missas à quinta-feira, às 19h00 e aos sábados Missa Vespertina às 17h30.
- 4- Na Igreja da Sagrada Família, no lugar de Paus, Guifões, há Missas ao Domingo, às 09h00.
- 5- Inscrições na Catequese para o 1.º ano, das crianças nascidas em 2017, até ao final de julho, presencialmente, na Secretaria Paroquial.
- 6- Renovação das inscrições na Catequese é automática. Em setembro, com a aquisição do Catecismo, confirmam a renovação e dão o respetivo contributo de 12,50 €.

Bênção

Despedida

P. Ide primeiramente às ovelhas perdidas da Casa de Israel! «Recebestes de graça; dai gratuitamente».

Diácono: Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

Oração de Bênção da mesa | 18.06.2023

Senhor,
Tu cuidas de nós
e nos conduzes a Ti
sobre asas de águia,
para que sejamos reunidos
nos braços da Tua Aliança.
Salva-nos do isolamento,
da indiferença, da separação.
Abençoa a nossa mesa
para que a partilha do mesmo Pão,
seja fermento de paz, de unidade
e de fraterna e familiar comunhão.
Ámen.

ORAÇÃO DE BÊNÇÃO DA MESA

Senhor,
Tu cuidas de nós
e nos conduzes a Ti
sobre asas de águia,
para que sejamos reunidos
nos braços da Tua Aliança.
Salva-nos do isolamento,
da indiferença, da separação.
Abençoa a nossa mesa
para que a partilha do mesmo Pão,
seja fermento de paz, de unidade
e de fraterna e familiar comunhão.
Ámen.

Pe. Amato Gonçalves

DOMINGO XI
DO TEMPO COMUM



**OUTRAS
HOMILIAS**

HOMILIA NO XI DOMINGO COMUM A – FESTA DA PALAVRA (4.º ANO)

1. Ouvimos a Palavra de Deus, neste dia da Festa da Palavra. Cantámos o Salmo, com este refrão: «**nós somos o povo de Deus, as ovelhas do seu rebanho**»... É um refrão que se repete centenas de vezes na Sagrada Escritura. Porque é uma espécie de «**slogan**» da aliança entre Deus e o seu Povo: «**Eu serei o vosso Deus, vós sereis o Meu Povo**»! De tal modo esta aliança é o coração da Sagrada Escritura, que podemos chamar Antiga e Nova Aliança ao Antigo e Novo Testamento. Toda a Bíblia trata desta história de amor, desta aliança de Deus com o seu Povo.
2. **É uma aliança de amor.** Deus compromete-se a amar, com especial predileção o seu povo: «sereis minha propriedade entre os povos; sereis para mim, um reino de sacerdotes, uma nação santa» (1.ª leitura). O seu amor vem sempre antes... **Deus prova o seu amor para connosco salvando-nos...** (2.ª leitura) antes mesmo da nossa resposta. É um amor dado "de graça" (Evangelho)... e não por merecimento ou retribuição.
3. O Povo de Deus compromete-se «**a ouvir a sua voz**», a «guardar a aliança», a «**cumprir os mandamentos**». O Povo escuta a Palavra e põe-na em prática.
4. Muitas vezes o povo falhou... sendo infiel a esta Palavra. Os **profetas** chamavam a atenção para o «acordo», para a aliança que tinham feito... Mas houve exemplos muito vivos de fidelidade a esta Palavra: **Abraão**, que fiado na Palavra, partiu para longe; **Moisés**, que comunicou a vontade de Deus, nas «tábuas da Lei»; **Samuel**, que dizia: «Fala, Senhor, teu servo escuta»... **Maria** que disse e fez: «faça-se em mim, segundo a tua Palavra»...
5. Mas a Palavra, a aliança «de coração», a aliança entre Deus e o Homem, a aliança de «carne e osso» é Jesus Cristo. Ele é que a Palavra viva, o «**Verbo que se fez Carne** e habitou entre nós» (Jo.1,14).

6. Toda a Bíblia foi escrita «para que acreditássemos em Jesus Cristo, como Filho de Deus. E, acreditando n'Ele, tivéssemos a vida» (Jo.21,31). Sem a Escritura nem sequer conheceríamos Jesus. E, sem Jesus, a nossa vida «não prestava para nada»... É Jesus que nos permite compreender tudo o que se diz na Escritura. Porque, entre muitas palavras, Ele é a Palavra. **«Quem a acolhe no coração, dará fruto e terá a vida».**

7. Vamos receber a Sagrada Escritura. E recordar a história viva desta aliança de amor. Desde os primeiros pais na fé até ao tempo dos apóstolos. Tudo resumido, numa palavra: a aliança. **«Ele é o nosso Deus e nós somos o seu Povo»!**

HOMILIA NO XI DOMINGO COMUM A 2020

1. Viajo por uma rotunda e leio num enorme *outdoor* esta frase, escrita em letras garrafais: “*Ninguém pode ficar para trás*”. O cartaz – já estais mesmo a ver – é de fundo vermelho e não está impresso em tons de amarelo e branco, as cores da bandeira do Vaticano. Parece, mas não foi mandado colocar pela Conferência Episcopal Portuguesa, nem tem a assinatura do seu verdadeiro autor, que é o Papa Francisco. Mas é um excelente desafio para toda a Igreja, para os cristãos em particular, para a nossa vida após a pandemia: “*Não deixar ninguém para trás*”. Agora, enquanto pensamos numa recuperação lenta e fadigosa da pandemia, é precisamente este perigo que se insinua: esquecer quem ficou para trás.

2. *Ninguém pode ficar para trás*. Não é outro, aliás, o mandato de Jesus. Cheio de compaixão pelo Seu povo, Jesus envia os Doze para fora do adro do templo e da sinagoga; envia-os pelos caminhos tortuosos da Palestina. A missão é ir à procura das ovelhas perdidas, dos que ficaram para trás. É preciso proclamar a todos que está perto o Reino de Deus, ali mesmo onde a fragilidade nos humaniza, fraterniza e diviniza, através da caridade, ali mesmo onde o amor de Deus se traduz em proximidade, vizinhança, partilha da dor. Este não é o tempo de ter mais pressa de chegar ao templo do que compaixão para curar quem foi atirado para a valeta. É preciso, ontem como hoje, expulsar os demónios do medo, do egoísmo, da indiferença, que continuarão a ameaçar e a tentar o nosso caminho... O risco é que nos atinja um vírus ainda pior: o da indiferença egoísta. Que esta crise da pandemia nos encontre com os anticorpos da justiça, da caridade e da solidariedade.

3. É *c’ovidizer* [= *É que ouvi dizer*] que há cristãos muito ciosos de garantir o seu lugarzinho na Missa. Compreendo o desejo e a saudade. E sei quanto esta faz falta, “*para animar a malta*” e dar-nos maior vigor missionário. Mas os cristãos deste tempo não darão testemunho da compaixão de Cristo, entretendo-se a

discutir se é mais digno comungar pela boca ou na mão, discutindo se têm direito à Eucaristia já hoje ou só amanhã, se têm lugar reservado na sua igreja ou não. Quero repetir a estes irmãos e irmãs: *o trabalho belo, que nos alimenta e nos torna saudáveis, espera-nos lá fora*. Aproveitemos a falta de lugares onde nos sentarmos na Igreja, para nos levantarmos e sairmos “*pelos caminhos*”, para nos comovermos até às entranhas, para nos aproximarmos dos que andam fatigados e abatidos, para darmos a mão aos que ficaram para trás.

4. Quem são hoje os que ficam para trás? Os que não têm a velocidade necessária da net e de um computador para estudar e trabalhar; os que não têm emprego ou salário adequado para garantir o necessário; os que não têm idade e capacidade para se adaptar a novos desafios; os que são relegados ou substituídos nas longas listas de espera dos cuidados de saúde; os pobres e humildes, que não têm onde se encostar; os que sofrem sozinhos o luto e os abandonados; os que não trepam por cima dos outros para conquistar um lugar «ao sol». Não os deixemos ficar para trás. *Ide primeiramente* ao encontro destas ovelhas perdidas dos nossos olhares.

5. Irmãos e irmãs: esta crise pandémica deixa-nos um lastro de miséria, face à qual os cristãos se devem fazer bons samaritanos, testemunhas da compaixão de Cristo, missionários da caridade concreta, próxima e vizinha. Transformemos as nossas Paróquias em *hospitais de campanha* e não apenas em lugares de um culto, às vezes intermitente, ou de uma catequese, se possível passageira. Ponhamos o foco nos pobres e dêmos testemunho da caridade, num trabalho em rede e em sinergia com outras instituições no terreno. Testemunhemos um amor criativo, que se levanta e sai pelo caminho, ao encontro dos confinados na sua miséria, que vai até onde a família e o Estado não chegam, para que ninguém, *ninguém mesmo, fique para trás*.

Para isso, para que ninguém fique para trás, é preciso que cada um de nós, sem exceção, se chegue à frente e ponha pés ao caminho!

HOMILIA NO XI DOMINGO COMUM A 2017

1. No final da missa do passado domingo, um jovem acólito, atento à homilia e ao movimento imparável do *spinner*, não se esticou nada, para fazer este comentário: “O grande problema são os cristãos autistas”. Aproveitei a deixa e, na passada quinta-feira, acrescentei duas doenças ao diagnóstico das maleitas espirituais: a de *alzheimer*, com a perda da memória dos dons de Deus, e a de *anemia*, por falta de alimento espiritual. Receitei, para um caso como para outro, a toma e a retoma da Eucaristia dominical, como *remédio santo*. Neste XI Domingo Comum, retomemos o *autismo espiritual*, que ataca tantos cristãos, em regime de autogestão, tipo “*self-made man*”, que julgam poder viver a sua vida cristã fora da comunidade, no isolamento e até no desprezo dos outros. E acrescentemos-lhe depois outra doença perigosa, para a saúde dos cristãos cá de casa: a *obesidade espiritual*.

2. Na verdade, quem escuta o salmista a cantar, cheio de orgulho, esta espécie de *hino universal da fé*: “Nós somos o Povo do Senhor, as ovelhas do seu rebanho”, estranha ver, por aí, tantos cristãos autistas, que em vez de pertencerem ao Senhor, se pertencem a si próprios e às suas ideias; e que em vez de se integrarem, no redil do rebanho, vivem isolados, no seu mundo, por sua própria conta e risco, com uma fé à sua medida. Ora, “o primeiro fruto do batismo é fazer-nos pertencer à Igreja. Não se entende, por isso, um cristão sem Igreja, ou um cristão que diz: «Cristo, sim. Igreja não». Isso é uma dicotomia absurda” (Papa Francisco, *Meditação Matutina*, 30.01.2014). Na verdade, como o afirma claramente a 1.ª leitura, Deus criou um caminho, para Se unir a cada um dos Seus filhos. Escolheu convocar-nos, como Povo, e não como pessoas isoladas. Por isso, “ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Somos Povo de Deus e nesta comunidade experimentamos a beleza de compartilhar a experiência de um amor, que nos precede a todos, mas que ao mesmo tempo nos pede para ser «canais» da graça uns para os outros, apesar dos nossos limites e

pecados. *A dimensão comunitária, a pertença e a vivência numa comunidade, não é apenas uma «moldura», um «caixilho» bonito, mas constitui uma parte integrante da vida cristã, do testemunho e da evangelização. A fé cristã nasce e vive na Igreja»* (cf. Papa Francisco, Catequese, 15.01.2014). *“Um cristão sem Igreja é uma coisa de laboratório, uma coisa artificial, uma coisa que não pode dar vida”* (Papa Francisco, Meditação matutina, 15.05.2014). *Redescubramos, por isso, a alegria e o gosto e até uma santa vaidade de sermos o Povo do Senhor, as ovelhas do seu rebanho!*

3. Mas correm ainda grave risco de morrer, por causa do fedor ou do alto teor de gordura no sangue, as ovelhas, que passam a vida *a pastar*, a consumir as coisas boas de Nosso Senhor, mas não se dispõem a pôr os pés em caminho largo, em movimento de saída, para *dar de graça o que de graça receberam*. Todos nós, pelo Batismo, somos *«discípulos missionários»*, sempre, a vida inteira, cada qual no lugar que o Senhor lhe confiou (cf. EG 120). Para combater a obesidade espiritual, é preciso então *sair* do pasto, levantar-se do banco da Igreja ou do sofá do quarto, e ir e sair, pelas encruzilhadas dos caminhos, a anunciar e a levar, em obras de amor, a salvação de Deus. São tantas as *ovelhas perdidas da casa de Israel* que precisam de respostas que animem, que infundam esperança e que deem um vigor renovado ao seu caminho. *Por que esperamos nós?*

4. Irmãos e irmãs: para nos defendermos do risco do *fedor* ou da *gordura*, tornemo-nos *Povo a caminho*, Igreja de portas abertas, a fim de que todos possam nela entrar e nós dela saibamos sair a anunciar o Evangelho. Quanto mais *intenso* for o nosso *movimento de entrada e de saída*, maior será a frescura na Igreja e menor o peso e a gordura das ovelhas!

5. E já agora, um breve conselho para o tempo de férias que se avizinha: somos o *povo de Deus, reunido em Seu nome*. Não vamos separar o que Deus uniu, nem dispersar aquilo que Deus reuniu! Mesmo em férias, há sempre ir e voltar. Há sempre missa e missão, até nunca mais acabar!

HOMILIA NO XI DOMINGO COMUM A 2002

Nós somos o Povo do Senhor. Somos as ovelhas do seu rebanho!

1. Este refrão, hoje cantado, exprime a nossa alegria e a nossa gratidão, diante do Senhor, que primeiro nos amou e nos escolheu! Este refrão, cantado com alegria, testemunha o nosso orgulho, por sermos quem somos, aos olhos de Deus, por sermos o «*povo que o Senhor escolheu para sua herança*». Escolheu-nos, não em razão dos nossos méritos, mas segundo a largueza da sua misericórdia (cf. Anáfora I). De facto, no sonho e no projeto de reunir os seus filhos em família, Deus não desistiu nunca de nos chamar à comunhão com ele, apesar das nossas divisões e das nossas recusas. Escolheu-nos para viver em aliança com ele. **Fez de nós o seu Povo, as ovelhas do seu rebanho.**

Este Povo, Deus formou-o e protegeu-o com carinho de Pai. No seio de uma humanidade dividida, este Povo é como que a sua casa, a parte que lhe coube em herança. Ouçamos esse desabafo de Deus, através do autor sagrado: "*Vistes como vos tomei sobre as asas da águia para vos trazer a Mim. Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade entre todos os povos*" (Ex 19,4-6). De certo modo, Deus põe-nos à parte, como predileção sua, separa-nos, discrimina-nos positivamente, para nos atrair a Ele e fazer de nós um reino de sacerdotes e uma nação santa: "*Toda a terra Me pertence. Mas vós sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa*" (Ex 19,6). Por seu lado, o povo de Israel sabe-se escolhido, tem consciência de ser o povo querido por Deus, chamado a «*ouvir a voz do Senhor, a guardar a sua aliança*».

2. Toda a predileção de Deus por Israel, povo escolhido, concentra-se em plenitude correspondida, na predileção de Deus Pai, pelo seu Filho Jesus Cristo. "*Este é o Meu Filho muito amado, no qual pus o meu enlevo*" (Mt 17,5). O destino espiritual de Israel, como povo eleito, cumpriu-se em Jesus Cristo, o Eleito de Deus. A fidelidade de Jesus Cristo cumpre o anúncio e a esperança de um povo

novo, nascido na sua Páscoa, pelo baptismo, fiel como Ele é fiel, querido e predilecto, como Ele, predilecto e querido por Deus Pai. Esse povo novo é a Igreja. Este novo povo escolhido brota do mistério de Cristo, que uniu a Si os seus irmãos. Só Ele é o elo de ligação entre o povo da antiga e o da nova aliança. Pelo seu mistério pascal «Ele nos chamou do pecado e da morte à glória de geração escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo resgatado, a fim de que, libertos do poder das trevas, anunciemos por toda a parte as maravilhas do Senhor» (Pref. Dom. I).

Nós somos o Povo do Senhor. Somos as ovelhas do novo rebanho, de que Ele, Jesus, é o Bom Pastor!

3. Creio, caríssimos amigos, que este refrão precisa de ser cantado com orgulho e santa vaidade, com alegria e com humildade, vendo na Igreja um povo de «seleção», um grupo que o Senhor escolheu, até por amor daqueles que não escolheu, vendo nesta Igreja a Esposa amada, escolhida e preciosa aos olhos de Deus, para ser sinal e testemunha do seu amor fiel, incondicional, gratuito e universal. Sei que esta Igreja tem os seus pecados. E é por isso mesmo que tenho ainda nela lugar. Mas é, e apesar de tudo, a Igreja dos Santos, daqueles que «separados», por e para Deus, se tornaram homens de seleção, para fazer chegar a luz do evangelho aos confins da terra. São santos e populares, porque escolhidos por Deus para serem enviados ao seu povo. Por isso, e mesmo que não esteja muito na moda dizer bem da Igreja e orgulhar-se de lhe pertencer, cantemos ainda com mais alegria e trabalhemos agora com redobrado entusiasmo, na messe do Senhor. **Porque somos o seu Povo! Somos as ovelhas do novo rebanho!**

Nós somos o Povo do Senhor. Somos as ovelhas do seu rebanho!

1. Este refrão, hoje cantado, exprime a nossa alegria e a nossa gratidão, diante do Senhor, que primeiro nos amou e nos escolheu! Este refrão, cantado com alegria, testemunha o nosso orgulho, por sermos quem somos, aos olhos de Deus, por sermos o «*povo que o Senhor escolheu para sua herança*». Escolheu-nos, não em razão dos nossos méritos, mas segundo a largueza da sua misericórdia (cf. Anáfora I). De facto, no sonho e no projeto de reunir os seus filhos em família, Deus não desistiu nunca de nos chamar à comunhão com ele, apesar das nossas divisões e das nossas recusas. Escolheu-nos para viver em aliança com ele. **Fez de nós o seu Povo, as ovelhas do seu rebanho.**

Este Povo, Deus formou-o e protegeu-o com carinho de Pai. No seio de urna humanidade dividida, este Povo é como que a sua casa, a parte que lhe coube em herança. Ouçamos esse desabafo de Deus, através do autor sagrado: "*Vistes como vos tomei sobre as asas da águia para vos trazer a Mim. Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade entre todos os povos*" (Ex 19,4-6).

2. Toda a predileção de Deus por Israel, povo escolhido, concentra-se em plenitude correspondida, na predileção de Deus Pai, pelo seu Filho Jesus Cristo. "*Este é o Meu Filho muito amado, no qual pus o meu enlevo*" (Mt 17,5). O destino espiritual de Israel, como povo eleito, cumpriu-se em Jesus Cristo, o eleito de Deus. A fidelidade de Jesus Cristo cumpre o anúncio e a esperança de um povo novo, nascido na sua Páscoa, pelo batismo, fiel como Ele é fiel, querido e predileto, como Ele, predileto e querido por Deus Pai. Esse povo novo é a Igreja. Este novo povo escolhido é outro, brota do mistério de Cristo, que uniu a Si os seus irmãos. Só Ele é o elo de ligação entre o povo da antiga e da nova aliança. Por

isso, também Ele nos escolhe e nos chama para Ele, a fim de nos enviar aos outros; também ele nos possui «à parte», para nos entregar a todos. Ele reúne-nos, para nos espalhar, congrega-nos para nos dispersar a fim de anunciar em toda a parte as maravilhas de Deus. **Nós somos o Povo do Senhor. Somos as ovelhas do novo rebanho, de que Ele, Jesus, é o Bom Pastor!**

3. Creio, caríssimos amigos, que este refrão precisa de ser cantado com orgulho e santa vaidade, com alegria e com humildade, vendo na Igreja um povo de «seleção», um grupo que o Senhor escolheu, até por amor daqueles que não escolheu, vendo na Igreja, a Esposa amada, escolhida e preciosa aos olhos de Deus, para ser sinal e testemunho do seu amor fiel, incondicional, gratuito e universal. Por isso, hoje, gostaria, de acrescentar a estas razões de fundo, que já referi, uma mão cheia de razões do coração, para amar a Igreja e me sentir orgulhoso de ser membro de pleno direito deste Povo que o Senhor escolheu.

1. A Igreja, saiu do lado aberto de Cristo

A primeira é que ela saiu do lado de Cristo. Como poderia não amar eu aquilo porque Jesus morreu? Como poderia eu amar a Cristo sem amar, ao mesmo tempo, aquelas coisas pelas quais Ele deu a sua vida? A Igreja – boa, má, medíocre, santa ou pecadora, tudo isso junto – foi e continua a ser a Esposa de Cristo. Posso amar o Esposo e desprezá-la a ela?

2. Cristo foi-me dado pela Igreja

A segunda razão por que amo a Igreja é porque ela e só ela me deu Cristo e quanto eu sei dele. Através dessa imensa cadeia de crentes porventura medíocres chegou-me a memória de Cristo e do Evangelho. Sim, por vezes foi maculado ao ser transmitido: mas tudo o que sabemos d'Ele nos chegou através da Igreja.

3. Apesar de tudo, é a Igreja dos santos...

A sua história, porém, é triste, está cheia de sangue derramado, de intolerância, de legalismo, de casamentos com os poderes deste mundo, de bispos, padres... leigos e religiosos medíocres e vendidos... Sim, é verdade. Mas também está cheia de santos, de homens, à parte do mundo, para comprometidos na sua transformação. Apesar de tudo, é a Igreja dos Santos... populares...

4. Amo a Igreja porque é imperfeita... com um lugar para mim!

Atrevo-me a dizer um pouco mais: eu amo com maior intensidade a Igreja precisamente porque é imperfeita. Não que goste das suas imperfeições, mas porque penso que sem elas já há muito teria sido expulso dela. No final de contas, a Igreja é medíocre por estar formada de pessoas como nós, como tu e como eu. É isto que, definitivamente, nos permite continuar dentro dela.

5. A Igreja é minha Mãe!

A quinta e mais cordial das minhas razões é que a Igreja é – literalmente – minha mãe. Gerou-me, e continua a amamentar-me. Gostaria de ser como Santo Atanásio, que se “agarra à Igreja como uma árvore se agarra ao chão”. E poder dizer, como Orígenes, que “a Igreja arrebatou-me o coração. Ela é a minha pátria espiritual, a minha mãe e os meus irmãos”. Como envergonhar-me então das suas rugas quando sei que foram nascendo de tanto trabalho de nos dar à luz?

HOMILIA NO XI DOMINGO COMUM A 1999

Tenho ainda à tona dos meus olhos, a imagem colorida da multidão, nestes dias de romaria e procissões. Multidão, que enche as ruas, com gritos de diversão! Mas também multidão que entra de joelhos neste santuário, com a alma a gemer de dor e o coração a sangrar de esperança. Multidão que vê, curiosa, passar a procissão e multidão que aperta os olhos, sofrida, para esconder uma lágrima ou oferecer um sacrifício. No meio da romaria e da festa, há sinais de dor e alegria. Há gente que passa ao lado e gente que fica por dentro. Caras conhecidas e rostos que nunca vi.

No meio da folia e da prece, das promessas e dos andores, parece-me ver a mesma multidão do tempo de Jesus. A multidão, «fatigada e abatida, como ovelhas sem pastor». E dou comigo a pensar, entre tantas coisas, na necessidade de tacto e de contacto, de cravos e de beijos, de incenso e de preces, para levar os homens até Deus, para comunicar Deus ao coração dos homens. O movimento das multidões, à volta das coisas sagradas, «parece-me um sinal, claro de mais, de que Deus pede à sua Igreja que tome a questão da capacidade de comunicar, como a sua prioridade número um». Como alguém dizia, na última Revista do Expresso, há que «falar ao coração, amar o Homem moderno, na sua fragilidade e grandeza imensas, e fazer dele, não o adversário de Deus, mas o centro da atenção, dos rituais, da fé. "Parem de me levar até ao Homem, tragam o Homem até mim" parece ser o estranho sinal de Deus».

E este «leigo» deixa o desafio: «Comunique, por isso, a Igreja mais afecto do que razão, mais alegria do que ritual, mais estímulo do que explicação, mais testemunho do que sermão, mais presença do que influência. Seja a Igreja mais espiritual do que cultural, mais humana do que teológica, mais eternidade do que situação, mais confiança em Deus do que aflição. Atraíam os que não se atraem, meçam cada palavra para cada um dos que estão fora das igrejas ou na última fila,

apenas curiosos ou inquietos, se calhar distraídos ou saturados... Dancem, se for o caso».

E continua: «Estará o futuro da Igreja na discussão sobre o casamento dos padres, ou numa moral sexual diferente? Ou, simplesmente, o futuro da Igreja está na capacidade de chegar ao fundo do coração de cada Homem e é isso que está em crise»?...

Por mim, subscrevo inteiramente este pensamento. Com a certeza de que para chegar a todos, é preciso o empenho sério, gratuito e feliz, de cada um.

Ide e parti em missão, aos largos campos da desesperança do homem e do desejo de Deus. Ide, com a força da Palavra, que vai adiante de toda a força dos vossos braços... A seara é grande e os trabalhadores são poucos!

HOMILIA NO XI DOMINGO COMUM A 1999 - TÓPICOS DE REFLEXÃO

1. Jesus olha as multidões e enche-se de compaixão. Porque, mais do que uma multidão, (confusa, anónima), ele quer fazer de nós um Povo, uma comunidade, reunida em seu nome, congregada à volta da sua Palavra, animada pelo amor. Aliás é este o projeto de Deus, desde os tempos mais antigos: reunir os filhos dispersos e congregar os homens numa só família.
2. Disso nos dá testemunho a 1.ª leitura. Deus escolhe o seu Povo. Não pelos seus méritos. Mas porque o ama. Somos um povo eleito. Somos o povo «de Deus». «Deus prova o seu amor para connosco», salvando-nos. E salva-nos, libertando-nos do mal, da escravidão, do pecado. «Vistes como vos transportei sobre asas de águia e vos trouxe até Mim», diz o Senhor. É Deus que toma a iniciativa de nos fazer chegar a Ele, de nos tomar para si... Somos dele. Somos o seu Povo eleito.
3. Escolhidos por Ele, somos d'Ele e «para Ele», somos sua «propriedade», somos, por isso, um Povo consagrado. Uma nação santa, quer dizer, um povo que é «separado», destacado, para servir o Senhor, em santidade de vida.
4. Escolhidos e consagrados, pelo Batismo e Confirmação, somos enviados em Missão. Enviados a quem? Antes de mais, «às ovelhas perdidas da casa de Israel». Enviados, primeiro, aos de casa, aos que estão aqui «nesta assembleia», aborrecidos, ao fundo, escondidos, envergonhados, isolados, fora de tudo, desanimados, desinteressados, enfatiados...
5. Enviados a quê? A curar, a curar da solidão, que destrói, a curar do isolamento que empobrece, a curar da indiferença que mata, a curar da passividade, que apodrece. Só uma comunidade curada da tristeza e da «morte», pode anunciar e testemunhar Cristo vivo.
6. Urge, por isso, antes de mais, vivermos como «povo da aliança», amados por Deus e amados uns pelos outros. Que a Igreja, que somos, se torne mais

espiritual do que cultural, mais humana do que teológica, mais eternidade do que situação, mais confiança em Deus do que aflição. Atraia os que não se aproximam, meça cada palavra para cada um dos que estão fora das igrejas ou na última fila, apenas curiosos ou inquietos, se calhar distraídos ou saturados...

7. Com a certeza de que, para chegar a todos, é preciso o empenho sério, gratuito e feliz, de cada um. Ide e parti em missão, aos largos campos da desesperança do homem e do desejo de Deus. Ide, com a força da Palavra, que vai adiante de toda a força dos vossos braços... «A seara é grande e os trabalhadores são poucos»!

HOMILIA NO XI DOMINGO COMUM A 1996

Eram multidões, gente sem rosto, pessoas sem nome, ajuntamento de indivíduos, refúgio secreto onde cada um se podia esconder, negar-se e perder-se. Eram multidões, aperto de gente distante, massa de gente passiva, reino da indiferença. Multidões, sociedades anónimas, faces desfiguradas, domínio do desconhecido, campo de números. Multidões, olhadas e amadas por Jesus, mas não queridas nem suportadas por ele. *«Jesus, ao ver as multidões, encheu-se de compaixão»*. Percebeu-lhes o sofrimento, adivinhou-lhes a angústia, sentiu-lhes o aperto. *«Porque andavam fatigadas e abatidas»*... porque gente dispersa e não reconhecida, porque gente entregue a si mesma, não amada. Multidão cansada e extenuada, *«eram como ovelhas sem pastor»*, sem norte nem sorte, sem nome e sem memória, sem vida e sem futuro. Gente *«stressada»*, ocupada no imediato, sem rumo nem prumo, sem alma que brilhasse, sem corpo que se desse. *«Jesus encheu-se de compaixão»*. Porque conhecia a doença que matava aos poucos este povo: o desconhecimento, o desinteresse, a passividade, a indiferença. E Jesus não queria multidões. Queria um Povo. Jesus não queria uma sociedade anónima, mas uma comunidade. Jesus não queria um mar de gente, mas um grupo fraterno. E vai daí, cura o mal pela raiz. Chama Doze, a cada um pelo seu nome. Responsabiliza e compromete. Abre largos horizontes e define caminhos. São escolhidos alguns para chegar a todos. E a missão é simples. Curar. Tirar da sombra anónima e chamar para a luz. Libertar da resignação e comprometer no Reino. Eliminar distâncias e cavar proximidades. Passar das margens para o centro. Avançar da indiferença, para o empenhamento. E em todas as coisas, um coração sem faturas: *«Recebestes de graça, dai gratuitamente»!*

Não é muito diverso o quadro social em que nos movemos. O mundo, aldeia global, é também palco de poderosos jogos de interesse, de procuras individuais. Na alucinação de ter e de poder, o homem recusa hospedagem aos outros, por minguia de espaço dentro de si. Não se vê senão a si mesmo no meio da multidão.

É o homem da eficácia e da razão, nesta era demencial do stress, dos cansaços e dos nervos à flor da pele. Este é um número dessa *multidão* «*fatigada e abatida*». Frente a este homem, é urgente a aparição do homem compassivo, atento ao mundo interior de cada um, capaz de acolher, de dar, de comunicar... gratuitamente. Por dom e não por interesse, por ócio e não por negócio.

A redenção do homem contemporâneo passa pela conversão dos indivíduos ao bem comum. A Igreja deve ser pioneira desta libertação: chamando cada um pelo nome e responsabilizando pessoalmente cada um no projeto de Deus que é para todos. Há muito gente que não fala porque nunca foi ouvida, que não participa porque nunca foi chamada, que não tem voz, porque nunca teve vez. A Igreja não existe para organizar e ordenar a multidão, nem para a juntar ou dominar. A sua missão é curá-la dessa resignação que apodrece o coração. A melhor terapia dos problemas individuais – parece-me – é a comunhão nas graças e desgraças de todos. É empenhando-se no bem de todos, compadecido do seu semelhante, que cada um encontrará a sua própria realização. Não prestaremos melhor serviço a esta «*multidão fatigada e abatida*» do que acolhê-la, escutá-la e logo depois comprometê-la a caminhar conjuntamente. Porque, fora da comunhão, somos «*como ovelhas sem pastor*». Mas afinal Deus fez de nós um «reino de sacerdotes» e não uma «grupo de pressão»; somos uma nação santa e não uma multidão! Nós somos o Povo de Deus, as ovelhas do seu rebanho! (cf. Salmo 99/100,3c)

Temos um nome e um lugar. Que grande graça!

MEDITAÇÃO - MULTIDÕES FATIGADAS E ABATIDAS, COMO OVELHAS SEM PASTOR!

Eram multidões, gente sem rosto, pessoas sem nome, ajuntamento de indivíduos, refúgio secreto onde cada um se podia esconder, negar-se e perder-se. Eram multidões, aperto de gente distante, massa de gente passiva, reino da indiferença.

Eram multidões, sociedades anónimas, faces desfiguradas, domínio do desconhecido, campo de números. Multidões, olhadas e amadas por Jesus, mas não queridas nem suportadas por ele. «Jesus, ao ver as multidões, encheu-se de compaixão». Percebeu-lhes o sofrimento, adivinhou-lhes a angústia, sentiu-lhes o aperto. «Porque andavam fatigadas e abatidas»... porque gente dispersa e não reconhecida, porque gente entregue a si mesma, não amada. Multidão cansada e extenuada, «eram como ovelhas sem pastor», sem norte nem sorte, sem nome e sem memória, sem vida e sem futuro. Gente «stressada», ocupada no imediato, sem rumo nem prumo, sem alma que brilhasse, sem corpo que se desse. «Jesus encheu-se de compaixão». Porque conhecia a doença que matava aos poucos este povo: o desconhecimento, o desinteresse, a passividade, a indiferença. E Jesus não queria multidões. Queria um Povo. Jesus não queria uma sociedade anónima, mas uma comunidade. Jesus não queria um mar de gente mas um grupo fraterno. E vai daí, cura o mal pela raiz. Chama Doze, a cada um pelo seu nome. Responsabiliza e compromete. Abre largos horizontes e define caminhos. São escolhidos alguns para chegar a todos. E a missão é simples. Curar. Tirar da sombra anónima e chamar para a luz. Libertar da resignação e comprometer no Reino.

Eliminar distâncias e cavar proximidades. Passar das margens para o centro. Avançar da indiferença, para o empenhamento. E em todas as coisas, um coração sem faturas: «*Recebestes de graça, dai gratuitamente*»!